

Instituto F.E. Godoy Moreira

José Vicente B. Corrêa e
Fernando Gaspar Miranda

nado, por soberana deliberação da Douta Congregação, mas, sem dúvida, influenciada pelo decisivo empenho desenvolvido nesse sentido pelo Prof. Godoy Moreira (1899-1987), mestre que desfrutava de imenso prestígio pessoal e científico junto a seus pares.

Como professor da 29ª Cadeira de Ortopedia e Medicina Infantil da Faculdade, Godoy Moreira substituiu, após brilhante concurso, o falecido Resende Puech. O novo titular, obedecendo às modernas diretrizes que emanavam da Europa, tinha conseguido com que, sob seu comando a disciplina passasse a ser denominada Clínica Ortopédica e Traumatológica, denominação que as demais congêneres de outras faculdades nacionais vieram logo a adotar.

Durante os primórdios do Hospital das Clínicas, ao lado de Benedito Montenegro, presidente do Conselho Administrativo, Godoy Moreira foi seu primeiro Diretor Clínico, eficiente e resoluto, participando do grupo de notáveis que lançou as bases da modernização do ensino e da prática médica paulista. Bastam, como lembrança apenas, dois exemplos para assinalar sua fecunda liderança na chefia clínica do novo hospital universitário. **Março 1944** - No 5º andar do Hospital realiza-se com grande regozijo popular e repercussão jornalística a primeira intervenção cirúrgica executada por Godoy Moreira e sua equipe e, decorrido pouco menos de um mês, seu assistente e mais tarde seu sucessor, Flávio Pires de Camargo, era o responsável pelo registro histórico da 1ª cirurgia de pronto-socorro do Hospital. **Janeiro 1946** - Godoy Moreira, emprestando todo o peso de seu prestígio de líder e chefe de escola, faz editar, com a colaboração de professores da estatura científica de Almeida Prado, Luiz V Décourt, José Ramos e Eurico Bastos, o primeiro número da Revista do Hospital das Clínicas, com o trabalho de abertura: "Tratamento da Pseudotumorose do Colo do Fêmur pela Osteossíntese", além de redigir e assinar o editorial de apresentação. Nes-

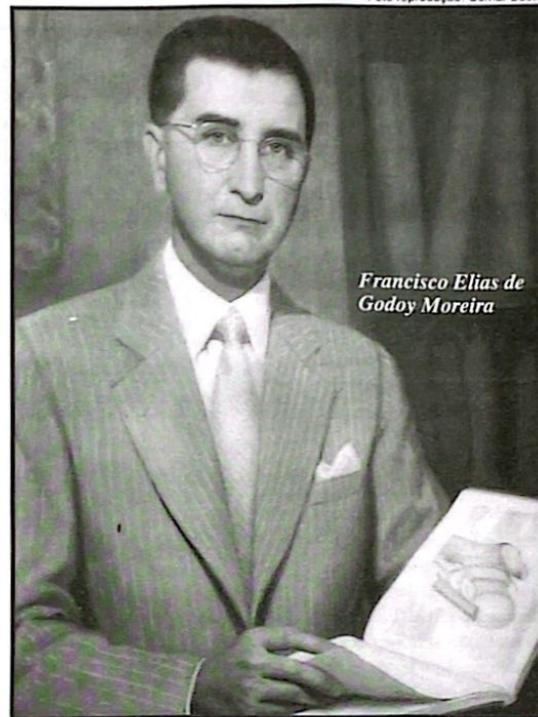


Foto reprodução: Osmar Bustos

Francisco Elias de
Godoy Moreira

te editorial incentivava os jovens ao estudo e à pesquisa médica afirmando: "Este grande centro de trabalho e investigação não pode deixar de ter um órgão próprio de publicação visando levar ao resto do país e além de suas fronteiras o testemunho e a fonte de suas intensas atividades", palavras que em seu sentido pedagógico bem se assemelhavam às do romano Pérsio, há séculos, quando escreveu em suas Sátiras: "Saber o que sabes não é nada, se outro não souber o que sabes!".

Todavia, a tarefa para a qual Godoy Moreira estava destinado e que com mais denodo haveria de dedicar-se era, sem dúvida, a de projetar, construir e instalar um moderníssimo serviço de ortopedia junto ao Hospital das Clínicas, ideal grandioso perseguido por vários anos com obstinada dedicação e inabalável perseverança. De fato, grandes foram os obstáculos que tiveram de ser suplantados, mas numerosos e inestimáveis foram também os auxiliado-

res, os quais o tempo lamentavelmente foi deixando no esquecimento, premiando-os apenas com a glória íntima de se sentirem participantes de obra tão meritória! Porém, desde o decreto-lei 14.255 de 25 de outubro de 1944, que dispusera sobre a criação do Instituto, até sua inauguração podemos destacar nomeadamente como autoridades interessadas em sua construção o Interventor Fernando Costa, Anhaia Melo e Ernani do Val Penteado, da Secretaria de Obras do Estado.

Mas a mão inescrutável do destino veio atar ao rol das personalidades estreitamente ligadas à definitiva consolidação do Instituto a pessoa também do Presidente da República. Pois foi nessa ocasião, com efeito, que o Presidente Getúlio Vargas sofreu a perda de um filho adulto, em São Paulo, vítima de uma forma ascendente de paralisia. E, querendo o Presidente manifestar sua gratidão ao Prof. Godoy Morei-

Leia:

Inimigo Íntimo

Irany Novah Moraes
Página 4

Ruído

Carlos Alberto P. Rosa
Página 3

Paulo Rath Souza

Jorge Michalany
Páginas 3

Ultra-som do amor

Ivana Maria França de Negri
Página 3

ra, pelo cuidado e desvelo com que assistiu seu filho naquele transe doloroso, fez questão de empenhar-se decididamente a favor do bom êxito e do término do empreendimento que então se desenvolvia. O Museu da Faculdade de Medicina, com inteligência dirigido por Carlos da Silva Lacaz, guarda zelosamente, entre tantas outras importantes relíquias ali exibidas, a fotografia autografada de Getúlio Vargas ofertada ao Professor de Ortopedia da Faculdade de São Paulo, como preito de gratidão. Essa peça histórica permanece como marco de um instante e testemunho de uma época.

Hoje, quando se contempla esta vitoriosa realidade que se conhece como Instituto F.E. de Godoy Moreira, pode-se afirmar com segurança que não errara o poeta em sua fina sensibilidade:

*O Homem e a hora são uma só
Quando Deus faz e a história é feita.
continua página 3*

Instituto F.E. Godoy Moreira

Foto reprodução: Osmar Bustos

continuação ...

O MESTRE E A OBRA – Quem quer que venha a analisar a longa atividade no ensino universitário, que por quase três décadas (1939-1966) desenvolveu Godoy Moreira, constatará o fato de como foi ele incontestavelmente o grande mentor de várias gerações de ortopedistas de todos os recantos do Brasil. Para o exercício do magistério, realizado com competência e nobreza, valeu-se da sólida e amadurecida base médico-cultural que, sem ostentação, soube armazenar como fruto sazoadado de rigorosa educação humanística, ele um homem que falava fluentemente vários idiomas e que, com acendrada curiosidade intelectual, fora sedimentá-la, nos anos de formação, lá nos avançados centros de cultura da Europa. Em 1923/24, na Alemanha, estudou com o Prof. Paul Glaessner, de Berlim, e com o consagrado sábio Prof. Konrad Biesalski, de quem soube tão bem assimilar os valiosos ensinamentos, como, aliás, deixou bem demonstrado, vertendo do alemão para o idioma italiano a obra de seu mestre “L'unità del concetto biológico-sociale in ortopedia”.

A seguir, num igualmente proveitoso e laborioso ano, estagiou no Instituto Rizolli, da Faculdade de Bolonha, então fulcro máximo do saber ortopédico, dirigido pelo brilhante mestre Vitório Putti, a quem os discípulos chamavam com respeito o “Príncipe da Ortopedia”. Pois foi esse insigne educador italiano quem atestou: “O notável preparo cultural que o Dr. Moreira já possuía ao ingressar no Instituto Rizolli permitiu-lhe tirar o maior proveito de sua prolongada permanência num ambiente rico de material clínico e de meios de estudos”. Daí porque Godoy Moreira, muito embora homem abonado, tenha sabido trazer em sua bagagem de retorno da Europa, como seu capital mais valioso, um cérebro cheio de informações e agulhoado pela vontade férrea de produzir, construir e renovar. Assim, forjado nessa têmpera, bem se pode entender por que a implantação no IOT do moderno e arrojado sistema de Residência Médica em Ortopedia, consagrado hoje



em dia como valioso processo de aprendizagem profissional, se deveu ao pioneirismo empreendedor de Godoy Moreira. Coube o privilégio honroso de ser o primeiro residente formado pelo IOT do Hospital das Clínicas ao Dr. João de Azevedo Lage, da turma de 1944.

Muito viajado e mantendo-se sempre atualizado frente à literatura médica, Godoy Moreira, no campo da cirurgia ortopédica, teve destacada atuação como um dos estudiosos precursores do tratamento da fratura do colo do fêmur do idoso. Esse tema era por demais desafiador para os ortopedistas, que àquele tempo se sentiam praticamente desarmados enquanto empregavam o tratamento incruento, muito pouco eficiente e, sob certo ponto, nocivo, que consistia em conter os velhos pacientes em um aparelho gessado pelvopodálico. A impotência sentida em face desse grave problema foi em 1935 fixada por Speed, num grito de revolta, na frase: “A fratura insolúvel”.

Depois de analisar criticamente o parafuso proposto por SmithPetersen, outro notável pesquisador cuja clínica foi visitar, Godoy Moreira, a partir de 1937, idealizou um sistema de fixação daquela fratura constituído por um parafuso helicoidal, que passou a ser conhecido então como “parafuso de Godoy Moreira”. Nos 20 anos que se seguiram, com elevado espírito crítico e honestidade científica, o mestre paulista publicou os resultados de seus constantes estudos e as propostas de aperfeiçoamentos em revistas nacionais e nas estrangeiras



reconhecidas como seletivas e restritivas, tais como o Journal of Bone and Joint Surgery. Cabe, a esse propósito, frisar, dando-se a devida ênfase, que, do ponto de vista científico, em todo instrumental de fixação modernamente utilizado no tratamento da fratura do colo do fêmur constata-se prevalecerem ainda os mesmos princípios fundamentais que norteavam as primeiras publicações de Godoy Moreira, modificados, evidentemente, pelos progressos da tecnologia, tal como ocorre com os atuais parafusos acoplados a uma placa.

Mas é no estudo, pesquisa e tratamento cirúrgico das seqüelas da paralisia infantil que se vai encontrar a obra magna do grande líder e mestre Godoy Moreira. Hoje em dia, as novas gerações médicas mal podem aperceber-se dos grandes danos que a terrível moléstia espalhava há séculos, de modo desolador, por todos os recantos. Graças, no entanto, às contribuições e aos esforços de sábios e cientistas notáveis, como Sabin, descobridor da “gota que salva”, esse grande mal está praticamente erradi-

cado. Entretanto, houve tempo em que, após eclodir a doença, restava ao médico o trabalho exaustivo e paliativo de recuperar as poucas funções da musculatura remanescente do membro atingido, através de hábeis e engenhosas transferências cirúrgicas musculotendinosas, mantidas com o auxílio de órteses e próteses dispendiosas e pesadas.

É dessa época, 1939, a magnífica monografia Princípios Fundamentais do Tratamento da Paralisia Infantil, obra que se tornou clássica no seu campo e que não foi suplantada na bibliografia nacional. Essa publicação maior de Godoy Moreira sintetizava os conhecimentos da escola médico-cirúrgica, a qual comandava com maestria invulgar, criando, por isso mesmo, discípulos de reconhecida competência nesta área que vieram a sobressair-se em seguida, destacadamente, o Dr. Edmundo S.C. Batalha, e o aluno deste, o futuro professor Milton Peixinho. Dessa escola resultaram importantes publicações que sobremaneira a dignificaram.

A preocupação constante do mestre com a reabilitação dos pacientes, que foi incrementada desde a II Guerra Mundial, levou Godoy Moreira a criar em 1959, sob os auspícios da ONU, o Instituto Nacional de Reabilitação - INAR, anexo ao Instituto de Ortopedia, pioneiro do gênero na América Latina, com o mestre Godoy na vanguarda.

O LEGADO – Em outra ocasião tivemos a oportunidade de traçar os principais dados biográficos do insigne mestre. Agora, como objetivo desta publicação, procuramos ressaltar especialmente a marcante influência cultural legada por Godoy Moreira.

Toda cultura encerra uma função pedagógica e, se assim não fosse, não sobreviveria como cultura. Godoy Moreira, como relatamos até aqui, além de preocupar-se constantemente com a problemática educacional médica, associava-a como cidadão, igualmente, à preocupação do bem-estar social. Mas nem por isso se descurou da aplicação daqueles princípios humanísticos que possuía tão profundamente arraigados em seu es-

pírito, como deixou objetivamente comprovado pela magnífica obra artística que se encontra na entrada do Instituto de Ortopedia, sua marca pessoalíssima.

Agora, a Alta Administração do Instituto Godoy Moreira, no sentido de preservar seu patrimônio histórico, adotou, entre outras oportunidades, medidas, ordenar o alargamento e saguão da entrada principal do Hospital. Assim pode oferecer com esse aumento de área um melhor ambiente, possibilitando desta forma utilizarlo como espaço cultural em diferentes eventos. Completando essa medida foi determinada ainda a restauração da magnífica lápide artisticamente trabalhada que ornamentava uma das paredes laterais. Nela se pode ver agora com maior detalhe uma réplica de antiquíssimo motivo de arte egípcia, estampando a figura de um faraó da 18ª Dinastia que viveu cerca de 1.500 anos antes de Cristo. O homem ali representado evidencia em seu membro inferior atrofia-

do o estigma indelével do grande flagelo que se chamou paralisia infantil. Não nos foi possível identificar o artista italiano quem Godoy Moreira encomendou a reprodução da famosa lápide, cujo original medindo 27 x 17,8cm, encontra-se na Gliptoteca Nacional de Copenhague. Arte primitiva ainda sem perspectiva, a pequena e colorida pedra de calcário é, no entanto, preciosíssima pelo grande significado cultural, em se tratando da mais antiga representação figurativa da terrível doença.

A primeira, mas consagradora, notícia que se tem na literatura médica dessa obra localizada em nosso Instituto deve-se ao Prof. Max Lang da Universidade de Munique, na Alemanha, que ao visitar este Hospital em 1954, a convite de Godoy Moreira, impressionou-se tanto com aquele trabalho artístico que assim descreveu em seu compêndio de Ortopedia, Afecções del Aparato Locomotor: “A poliomielite, açoite da humanidade, como bem disse Biesalski, não se detém nem ante as cabanas dos pobres, nem frente aos palácios dos poderosos... E como profetizada digna sirva o grande relevo de um templo egípcio que procede do século XVI antes de Cristo. No centro d-

Monografia sobre paralisia infantil, de 1939, é obra clássica no país

Godoy Moreira teve destacada atuação na área da cirurgia ortopédica

eira

to relevo e à moda de figura principal, pode-se ver a imagem de um homem com paralisia unilateral produzida de muleta. A reprodução gráfica da extremidade inferior paralisada é surpreendentemente natural, mostrando as contraturas poliomielíticas - contratura em flexão do quadril e do joelho e posição em equilíbrio do pé. Este extraordinário relevo tão sumamente ilustrativo acha-se em forma de reprodução excelente situado na entrada principal da Clínica Ortopédica de São Paulo, Brasil, onde precisamente tivemos ocasião de conhecê-lo". Não satisfeito apenas com esse texto, Max Lane reproduziu a figura da lápide do Hospital paulista, em fotografia de uma página.

A velha laje esmaecida pelo tempo foi inteiramente restaurada pelas mãos competentes da artista Míriam Alves dos Santos e Silva, verdadeira "arata da casa", pois, além de pintora muito habilidosa, com diversos trabalhos pintados em outras dependências do Hospital, é ainda funcionária do Serviço de Documentação Científica do Instituto.

Penetra-se no amplo saguão do Hospital por uma porta de vidro que ocupa um dos cinco módulos de todo o portal igualmente de vidro, mandado construir, também na Itália, por Godoy Moreira. Forma esta parede histórica um esplêndido vitral jateado com areia e todo lapidado, tendo no topo as figuras principais das belas produções da *Árvore da Ortopedia* idealizada por Nicolas Andry em 1911, que a mente culta de Godoy Moreira soube transpor para a atmosfera moderna deste Hospital. Logo à esquerda, afixada ao alto da parede, há uma grande placa de bronze comemorativa da designação atual do Hospital, sobressaindo-se o nome do antigo professor.

O prolongamento à direita, antes elevadores sociais, uma vitrina instalada na parede guarda outra preciosa história, a bengala de madeira de marcha que foi utilizada por o Dr. Delano Roosevelt, outra vívida ilustração da paralisia infantil. A história foi oferecida a Godoy Moreira pela viúva do grande estadista norte-americano. É oferenda, não só, significativa da importância do prestígio científico desfrutado pelo mestre brasileiro. Ao fundo, o busto, mandado confeccionar por assistentes e discípulos, contém

a inscrição: "Ao idealizador deste Hospital, fruto de sua atividade perseverante e incansável".

Essas ampliadas dependências foram inauguradas com uma comovedora exposição de quadros, de 1º a 5 de dezembro de 1997. Eram 67 obras pintadas por talentosa artista de 23 anos, internada desde os dois anos de idade neste Hospital, vítima da paralisia infantil. Com seus quadros ofereceu um soberbo exemplo de força de vontade e fortaleza de ânimo, ao pintar suas belas telas com a ajuda somente das mãos! Essas telas foram em seguida exibidas com idêntico sucesso na Estação Especial da Lapa. Seu nome - Eliana Zagui.

O Instituto F. E. de Godoy Moreira desde 1985 tem seu emblema próprio. Um emblema acadêmico é um signo institucional gráfico, conforme assinala Berta Mazzieri, que tem por objetivo cultural referir-se à história que originou a instituição e ao espírito que a deve reger. Dessa forma, no emblema quadripartido do Instituto estão simbolizados nos quadrantes superiores o Escudo da Universidade de São Paulo, representando a ciência e o conhecimento, tendo ao lado a *Árvore da Ortopedia* de Nicolas Andry, símbolo do ensino da especialidade médica nela ministrada. Nos inferiores, em simetria, repete-se a mesma árvore ao lado da fachada do Instituto representando o local da atividade médico-social de tão alta relevância que ali se desenvolve.

Agora, relatado neste bosquejo inicial a importância da obra cultural do insigne mestre Godoy Moreira, às vésperas do terceiro milênio, o Instituto que ostenta seu nome ilustre, à semelhança do ocorrido com o edifício da Faculdade de Medicina, tombado desde 1978 pelo Patrimônio Histórico de São Paulo (Condephaat), está a merecer a mesma honraria, mercê das lídimas ligações do Instituto F. E. de Godoy Moreira com as melhores e mais gloriosas tradições da cultura, da ciência e da arte de São Paulo. Assim, parafraseando Silva Lacaz: "Uma vez tombado, servirá de exemplo de glória e de orgulho para os que vierem a percorrê-lo. Para que saibam, sem tropeços, donde viemos, o que somos e o que fizemos". Aqui, pois, fica nossa sugestão.

(*) Com permissão da Acta Ortopédica Brasileira

Paulo Rath de Souza: Um sócio Sui Generis da APM

(1908 - 1996)

Jorge Michalany (*)

Nascido em São Paulo e ex-combatente da Revolução Constitucionalista de 1932, Paulo Rath jamais havia pensado em ser médico, pois não passava de mero funcionário da Prefeitura de São Paulo encarregado do almoxarifado. Instado pela mãe de um de seus amigos que estavam se preparando para o exame vestibular da Faculdade de Medicina de Pinheiros (USP), resolveu entrar na contenda, tomando-se médico em 1938.

Acostumado com a cômoda situação de funcionário público, preferiu, em vez de exercer a medici-

na liberal, continuar no funcionalismo e trabalhar no Instituto Butantan com o Prof. Moacyr de Freitas Amorim na seção de anatomia patológica. Não vendo nesse convívio algum promissor futuro, transferiu-se para o então Departamento de Profilaxia da Lepra de São Paulo, trabalhando no famoso Instituto Conde Lara na seção de anatomia patológica. E foi ali que teve o prazer de conviver com Paulo, por causa do convite que me fizera o Dr. Lauro Souza Lima para realizar autópsias dos enfermos dos sanatórios.

Graças à sua experiência com as incontáveis biópsias que examinava, Paulo Rath tornou-se um pro-

fundo conhecedor da anatomia patológica da moléstia e da patologia geral. Entre suas pesquisas destacam-se o valor da classificação sul-americana defendida em Cuba e seu conceito sobre a lepra interpolar para as formas dimorfa e tuberculóide reacional da moléstia.

Possuidor de uma cultura humanista invulgar e de uma experiência morfológica sobre a lepra e outras afecções cutâneas, Paulo Rath foi o pioneiro da dermatopatologia em São Paulo e meu mestre durante muitos anos. A ele devo não apenas os conhecimentos sobre Hanseníase como também as minúcias do processo inflamatório.

Ultra-Som do Amor

Ivana Maria França de Negri

Sobre o ventre fecundo
sensores deslizam.
Frêmito íntimo
sentimentos difusos
sobressalto, apreensão...
O som dos corações cadenciados
O amor foi tão grande
que transbordou.
E a semente da vida
fincada nas entranhas

desabrocha inusitada!
No eterno milagre da concepção
surpresa tamanha...
Em vez de um
são dois os bebês
o ultra-som acusou.
Explorando segredos
de recônditos nunca alcançados
sem medo, sem pudores
e revelando os dois amores!

Ruído

Carlos Alberto Pessoa Rosa

A natureza registrou
em sua retina
os seus olhos verdes.
Transgrediu a roupa,
mostrou seus tímidos seios,
suas coxas bojudas.

E o homem sentado,
na varanda, ousou
vê-la, transparente,
através da memória.

E você era ruído
de xícaras barulhentas
na cozinha.

INIMIGO ÍNTIMO

Irany Novah Moraes

Uma pequena soma que se empresta, faz um devedor, uma grande soma, um inimigo.

Sêneca

Certa feita, o Professor Renato Locchi fez um testemunho interessante. Contou que Bovero, ao ser vítima de um gesto de ingratidão, sem alterar-se, comentara: "O homem é assim mesmo; estranho seria comportar-se de forma diferente". Era grande sua elevação espiritual. Tornou maior o contraste de comportamentos: o do aluno ingrato, e o do mestre indulgente. Foi assim que se tornou claro o significado essencial da recomendação de Claparelli: "Ser rigoroso consigo próprio e benevolente para com o próximo". Eis aí uma prédica que exige muito desprendimento, pode colocar-se mesmo ao lado do ensinamento cristão que manda oferecer ao agressor a outra face.

Ao longo da vida, os fatos vão se somando. Alguns de gravidade maior, outros, menor; em sua essência, porém, repetitivos. Não trazem novidade no que diz respeito ao comportamento humano. O progresso, a avalanche do conhecimento, os recursos modernos da ciência e da tecnologia, o milagre da comunicação transformam a vida mas, no íntimo, o homem não muda, continua com defeitos e virtudes próprios de sua natureza. Na verdade, esse aperfeiçoamento pode fazer-se em dois sentidos diversos, acentuado, de um lado, o bom, o bem, o verdadeiro, e de outro, o mau, o mal, o falso. Dir-se-ia que as qualidades se aprimoram e os defeitos se reforçam.

O médico, pelo estilo de vida que a profissão oferece, tem, a propósito do humano, uma intuição mais viva, mais profunda e apurada pelo convívio com a dor

e com o sofrimento.

O exercício da prática médica, levando a um contato diuturno com o doente, propicia ao profissional o acesso ao recôndito da alma em tal profundidade que nenhuma outra profissão atinge.

Nesse convívio, as gratificações emocionais são tantas e de tal magnitude, que fazem a ingratidão parecer mais terrível, mais dolorosa; por vezes, estranhamente incompreensível.

Entretanto, felizmente, as experiências positivas, de sincero reconhecimento, é que prevalecem, inumeráveis; elas envolvem rico e pobre, adulto e criança, sem fronteiras de sexo e de raça.

Para ressaltar a dificuldade que o médico tem em absorver e aceitar atos de ingratidão, relato aqui um caso pessoal, bem ilustrativo das muitas gratificações emocionais e

das incontáveis alegrias do exercício de tal profissão.

Atendi certa vez a um doente que havia sido operado de urgência. Era uma criança que se havia acidentado

com uma faca, presa à cinta, ao brincar em sua fazenda. O caso era gravíssimo e exigiu restauração da artéria femoral na raiz da coxa. Havia perigo de vida ou de perder o membro, dada a natureza da lesão. Tudo resolvido, a criança teve alta, com orientação para praticar esportes e evitar acidentes que pudessem acarretar traumas ou machucaduras naquela perna. Em seguimento ao tratamento, meses depois, a recomendação para nadar foi enfatizada. A criança esboçou um sorriso muito feliz. Levantou-se, enfiando a mãozinha no bolso, tirou uma medalha e ofereceu-me. Havia ganho o prêmio num campeonato de natação. Cumprimentando-a, devolvi-lhe a medalha. Em atitude de extrema felicidade ela falou: "Não, doutor! Ganhei esta medalha para o senhor." Esta medalha, completando um cartão de

Natal, em que seus pais externaram profundo reconhecimento, está colocada em um quadro e guardada, como símbolo material de um sentimento, a gratidão.

Ela é um exemplo da espontaneidade pura de uma criança. Para o paciente era a condecoração de uma vitória; para o médico, um troféu de emoção.

Para quem se acostumou com experiências como a relatada, torna-se difícil aceitar a ingratidão, embora se possa entendê-la perfeitamente. Aliás, na sua interpretação, vale lembrar Trebla que, delicadamente, a tratava como uma das mais conhecidas formas de amnésia.

Conforme J. Normand, a incidência desse sentimento no homem diz respeito a uma das mais povoadas províncias da alma.

José de Alencar, escrevendo sobre a matéria, refere-se aos ingratos comparando-os com as varejeiras; assim como estas empoçam o corpo que as nutre, os desagradecidos, muitas vezes, vendem os protetores que os agasalham.

Para Duclos, a ingratidão tem sua origem na insensibilidade, no orgulho ou no interesse; eu acrescentaria aí, também, na inveja.

Com perspicácia, Condorcet lembra que a ingratidão, filha do interesse e da vaidade, é o vício das almas pequenas. E Shakespeare, sucintamente, define a ingratidão como fúria com coração de mármore.

Interessante, porém, é que, rfo Dicionário de Masucci, logo após a palavra ingratidão vem o vocábulo inimigo e, nesse verbete, aparece uma frase que inspirou certas elucubrações. Elas talvez expliquem mais intimamente o mecanismo desencadeador desse sentimento.

A frase referida é de Sêneca: "Uma pequena soma que se empresta faz um devedor; uma grande soma, um inimigo". Acredita-

se que, neste ponto, esteja o fulcro da questão. Quanto mais se fizer por alguém que não merece, mais difícil será para ele retribuir à altura do que lhe foi oferecido. Em sua incompetência material, física ou moral, o beneficiado vai sentindo sua inferioridade. Sua consciência o impele a tomar-se merecedor dos benefícios. Este fato gera conflito íntimo. Há um bombardeio constante em sua consciência. Duas alternativas se apresentam. O indivíduo reconhece o benefício e se toma grato ou assume a atitude inversa. Esta decisão rompe a proteção de sua dignidade. O modo mais fácil para aliviar a tensão gerada pelo drama de consciência pela posição adotada é encarar seu benfeitor como inimigo. Nesse momento, as dívidas desaparecem para ele, pois não as reconhece mais, chega mesmo a esquecer-se delas. É a amnésia de Trebla. E, na realidade,

de, os fatos só têm comprovado esta análise. A ingratidão é moléstia aguda que se torna crônica. O ingrato não se vai tornando aos poucos assim. Ele tem uma atitude súbita,

inesperada, de rebelião contra seu benfeitor e, daí por diante, torna-se dele um inimigo crônico. Eles causam tristeza, pois confirmam a degradação dos que foram íntimos e queridos.

Há, porém, casos melancólicos, de pessoas amigas com faces ocultas que, às vezes, acabam assumindo atitudes jamais esperadas. Há histórias de dívidas muito grandes, insalváveis, simplesmente; estas, quando de ambos os lados os espíritos não elevados, acabam por desunir almas fraternas, destruindo até mesmo uma amizade de muitos anos. Na verdade, quem pode, seguramente, sondar os abismos profundos do coração do homem?

O nível de educação, o grau de cultura ou de esperteza, podem, às vezes, mascarar o comportamento

durante certo tempo; mas não se pode enganar muitos por muito tempo e, mais dia, menos dia, os interesses pessoais, a vaidade, ou ainda, a incapacidade de reconhecer no outro a benevolência, rompem a barreira da dignidade e a alma se abre, revelando seu íntimo.

A propósito, mais uma vez a sabedoria popular, em máxima de extrema simplicidade, mas contundente, traduz a essência do problema: "O dia do benefício é a véspera da ingratidão".

Finalizando, eu me pergunto, de novo, sobre o homem, essa desafiadora incógnita, nunca inteiramente explicada: por que havia de ter razão Bovero e, com ele, a voz do povo, um e outro absolutamente seguros da reação humana, diante da generosidade do outro? Seria impossível para o homem aprender a aceitar o gesto gratuito e, tão somente, devolvê-lo gratuito, novamente, sem ver nele uma dívida ou uma carga?

Irany Novah Moraes

Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1983-1985)

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duilio Crispim Farina

(presidente)

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da

Medicina

Jorge Michalany